

Mangá, lugar comunicacional e sócio-cultural japonês

Renato Lopes Pereira¹

Resumo

O gibi japonês, geralmente conhecido como mangá em nosso país, ocupa dimensões diversas da vida nipônica tais como as experiências sociais, culturais e íntimas dos japoneses. Em uma sociedade de caráter conservativo como o Japão, o mangá investido como lugar de interesse comunicacional provém uma oportunidade de repensar os valores e costumes sócio-culturais, como também de criticar as figuras autoritárias representadas pelas intuições sociais, tais como a família, a educação, o trabalho, a política, dentre outras. Neste artigo investigamos qual é a potencialidade comunicacional do mangá através da análise dos discursos presentes em fóruns de discussão do mangá.

Palavras-chave: Comunicação. Mangá. Sócio-cultural.

Introdução

A potencialidade comunicacional do mangá encontra-se tanto em seu interior como em seu exterior – ambas inseparáveis uma da outra. O mangá necessita ser organizado não apenas no modo como se constitui dentro da linguagem de forma a se tornar legível, mas também necessita de uma engenhosidade estética e conceitual, intelectual e emocional, na forma como acolhe e joga com as formas objetivas e subjetivas do sujeito japonês de se relacionar com o mundo em que vive. No entanto, o mangá é também dependente da forma como o leitor irá apreender e experienciar os sentidos por ele comunicados. Se bem sucedido na forma como conta suas histórias e se o envolvimento do leitor com estas se realiza de forma profícua, é capaz de tornar-se objeto de referência nas conversas deste leitor com seus amigos. Essa potencialidade é observável com mais precisão enquadrados determinadas situações comunicativas dentro e fora do mangá:

¹ Mestrando em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG).

Figura 2 - Comentário retirado em 15 de maio de 2012 do fórum de discussão do mangá *Shikeisyu 042* pertencente ao site MANGAFOX, postado em 04 de abril de 2012



Fonte: <http://forums.mangafox.me/threads/33128-Cant-say-a-nice-manga-but-definitely-a-moving-manga>

Tradução: *Esse mangá moveu completamente meu coração. Eu espero que os publicantes em nosso país entendam isso também. Eu sou contra a pena de morte, acho que os direitos humanos dos sentenciados tem que ser resguardados, mas eu também concordo que as vítimas e o público em geral precisam ser protegidos. A idéia geral de Shikeisyu de abolir a pena de morte e tentar reintegrar os sentenciados mentalmente estáveis na sociedade sob uma guarda rigorosa é bem interessante para mim e eu gostaria de ver como o autor vai lidar com o assunto futuramente. Por causa do Shikeisyu (e do mangá “Watashitachi no Shiawase na Jikan” e “Ikigami”) fiquei interessado na prática de morte japonesa e pesquisei um pouco mais sobre isso. Para aqueles interessados também, aqui está um artigo entristecedor e detalhado da Amnesty International, sobre a prática da pena de morte, assim como as condições de vida dos sentenciados na fila de espera da morte. A profundidade psicológica e o desenvolvimento da personagem é sensacional, assim como o potencial dramático. Eu quero muito saber o que aconteceu ao 042 quando foi sequestrado. Talvez seus sequestradores voltarão para encontrá-lo agora que ele foi reportado a mídia...? Acerca do potencial cômico eu gosto da história também, especialmente aquelas cenas dos coelhos incrivelmente bonitinhos (Tradução livre).*

No comentário, por sua vez, o leitor ao participar no fórum de discussão sobre *Shikeisyu 042* expressa aos outros membros seus sentimentos e reflexões não apenas em torno da história contada, mas também coloca em expressão suas próprias convicções sobre a questão social da pena de morte no Japão. É curioso o movimento do leitor/participante em compartilhar *links* sobre o assunto para outros membros do fórum, bem como sua recomendação de outros mangás que trabalham com o mesmo tema. Isto indica que não apenas o sujeito foi movido pelo mangá, mas também encontrou ânimo de pesquisar a questão da pena de morte nipônica incentivando os outros participantes a ampliar as discussões tratadas sobre o tema.

A relação do leitor com o mangá são interações possíveis entre ambos em que a história afeta racionalmente e emocionalmente o sujeito ao colocar em discussão a vida desenvolvida socialmente. Ao mesmo tempo é uma interação em que o leitor, quando instigado pela história, dinamiza as questões tratadas em seu escopo. Essa relação é uma interação que passa a se tornar comunicação quando os sentidos, os discursos e os posicionamentos sobre o Japão e o japonês – apropriados, construídos ou reconstruídos pelas histórias do mangá – se transformam em um campo compartilhado que joga e se entrecruza com os próprios valores e experiências do leitor japonês. Uma comunicação que pode se espalhar a medida em que o leitor passa a compartilhar suas percepções sobre as histórias com outros leitores.

A história de um mangá deve ser capaz – em algum grau – de se referir a um domínio partilhado de saber com seu leitor. Seja esse saber, algo referente ao humano e/ou do mundo, deve compartilhá-lo de modo competente, instigante, persuasivo, sedutor que lhe garanta um mínimo de credibilidade e legitimidade. O leitor, por sua vez, não deve apenas interpretar os sentidos contados pelo mangá, mas sim desenvolver uma ação reflexiva em que percebe, pensa, repensa e julga as condições empíricas, imaginárias e contextuais as quais as histórias ganham vida. Isto é, quando assume a responsabilidade pelo ato ler, o leitor tem condições mínimas de avaliar as considerações e problematizações humanas e sócio-culturais contadas pelas histórias. Só assim, ele decide qual a posição irá tomar em relação ao que o mangá comunica. Em suma, é uma comunicação íntima e compartilhada entre ambos onde os sentidos forjados nesta relação se articulam no interior da linguagem.

O mangá não é uma linguagem. Ele é constituído pela linguagem – necessita dela para se constituir. A linguagem proporciona uma virtualidade ao servir-se de lugar em que a comunicação entre leitor e mangá seja capaz de realização e atualização. Ela é um *médium*, não como “meio” ou “veículo”, mas como lugar em que leitor e *mangaká* (artista de mangá) adentram para conferir sentidos as histórias.

As operações que leitor e *mangaká* (artista de mangá) realizam no interior da linguagem não são práticas de meros alinhamentos de palavras, gestos e imagens, entre outros, de forma a dar sentido as expressões enunciadas na materialidade do mangá. Primeiro porque cada um desses elementos que a linguagem acolhe, contém sentidos e especificidades próprios e por esta razão moldam a forma como leitor e *mangaká* operam na linguagem. Ao mesmo tempo, é a partir do modo como os sujeitos compreendem esses elementos, e principalmente as coisas que estes elementos fazem referência, que também conseguem moldar os sentidos destes elementos em suas operações na linguagem. Isto é, a partir daquilo que conhecem e experienciam do mundo, que *mangaká* e leitor são capazes de aproximar tais conhecimentos e experiências a esses elementos e formular outros sentidos que ultrapassam aquilo que convencionalmente eles (os elementos) significam e expressam.

É justamente porque esses elementos possuem sentidos próprios, e somente porque os compreende e tem familiaridade com eles, que o *mangaká* consegue formular suas histórias no interior da linguagem. Da mesma forma, é porque o leitor compreende e tem familiaridade com o que cada um desses elementos significam que se torna capaz tanto de apreender os sentidos comunicados pelas histórias de mangá, quanto exergar a possibilidade de interpretá-los de tal maneira.

Segundo porque são operações complexas e engenhosas que não se realizam sempre de forma intelectual. Expressar e interpretar não são práticas levianas que se dão facilmente é sempre preciso um cuidado para não cometer atos insensatos com nossas próprias expressões e com as expressões que um Outro – com quem nos comunicamos – compartilha. Tão pouco, expressar e interpretar passam sempre ou somente por um trabalho racional, existe a possibilidade do *mangaká* deixar escapar determinados sentidos subjetivos que contaminam sua produção na linguagem, e portanto, na própria forma como conta as histórias no mangá. Para o leitor acontece o mesmo durante o

processo de apreensão e experiencição dos sentidos no mangá. Em suma, o *mangaká* e o leitor contaminam as histórias com determinado material de ordem inconsciente.

Apesar de não ser uma linguagem, o mangá de forma similar a ela, acolhe para dentro do seu corpo palavras, gestos, imagens os quais organiza para constituir seu próprio espaço. Mas esse espaço, que se materializa no universo de suas histórias, se constitui não apenas pelo acolhimento e o jogo das palavras e imagens, mas também pelo acolhimento e o jogo do histórico, do social, do cultural, da vida cotidiana. Espaço que é resultado de materialidades e imaterialidades, realidades palpáveis e fantasias, razão e emoção referentes ao Japão e ao japonês. Sob esse prisma, a potencialidade comunicacional do mangá nunca é estática, pois move-se conforme o movimento dos sujeitos dentro do espaço que a história constrói e que se atualiza a cada capítulo lançado.

Nietzsche acreditava que o ser humano através da linguagem construiu um “outro mundo” sob o qual busca refúgio para conter a mutabilidade e pluralidade da vida (MOSÉ, 2005). O homem estabeleceu em sua relação com a linguagem uma forma de mapear, catalogar o mundo e distinguir as coisas que este acolhe. O grande problema, de acordo com Nietzsche, é que o ser humano acreditou ter alcançado a verdade através da linguagem:

Na medida em que o homem acreditou, por longos lances de tempo, nos conceitos e nomes das coisas como em *aerternae veritates* o homem adquiriu aquele orgulho com que se elevou acima do animal: pensava ter efetivamente, na linguagem, o conhecimento do mundo (NIETZSCHE, 1983, 92-93).

O primeiro grande mundo ficcional foi proporcionado pela relação humana com a linguagem em que o homem oferecia identidade as coisas, oferecia um reduto as coisas. De fato é a linguagem que nos aproxima do mundo pela possibilidade que nos oferece de nomeá-lo, de tentar dar um sentido a ele. Mas, ao mesmo tempo, ela nos afasta do mundo, principalmente porque:

A palavra não mantém uma relação de correspondência com a coisa que designa, a linguagem não pode revelar o ser das coisas, não somente porque é um acúmulo de metáforas mortas, mas porque não há ser em coisas senão na linguagem. As coisas como identidade, como unidades, somente existem na linguagem. A palavra não mantém uma relação de correspondência com a coisa que designa, a linguagem não é a representação do objeto. Mesmo os

objetos não existem senão em função da palavra que os nomeia, que os identifica, os constrói (MOSE, 2005, p.53).

Na linguagem, enquanto o exercício humano expresso pela vontade metafísica por duração, é na filosofia de Nietzsche, uma forma de contrapor o caráter mutante da vida. A própria linguagem “faz com que toda essa realidade seja por assim dizer virtual” (PINTO, 2002, p. 9).

O mangá ao se esboçar na linguagem constroi nesse “outro mundo”, que ela proporciona, um universo ficcional próprio – mas, ainda dependente da linguagem. Tudo o que produz dentro desse universo é somente uma perspectiva do mundo dentre muitas outras. Mesmo que brinque de dizer a verdade, formula e restringe o mundo a uma forma de ver a partir dos sentidos construídos em suas histórias. Entretanto, o mangá tem um valor: mesmo que se apresente como uma forma deturpada, é uma maneira sob o qual o *mangaká* japonês encontra para enfrentar seu mundo, seja para se engajar ou resistir ao conjunto de forças em que está inserido – sejam essas forças de natureza íntima ou sócio-cultural relativos ao Japão e ao japonês. Ao leitor, por sua vez, o mangá fornece um filtro, pois ao criar uma perspectiva retém a multiplicidade do mundo. Mas é um filtro, que se bem construído, gera fascínio e instiga seus leitores a refletir sobre o mundo japonês que mobiliza e discute em suas histórias.

O jogo especular fruto da comunicação entre leitor e mangá

É por vezes tentador desconsiderar as argumentações mencionadas anteriormente ao considerar o mangá como uma simples obra de ficção. Na verdade um dos elementos que tornam o mangá complexo é sua interlocução entre ficcional e o que convencionamos chamar de real. Umberto Eco, em seu texto intitulado *Protocolos Ficcionalis* (1994) descreve as deliciosas, e por vezes perigosas, intrusões que a mútua relação entre ficção e realidade provocam. O que Eco aprofunda nessa relação entre ficcional e real é a experiência em que descobrimos o conforto de se ler a vida como se ela fosse uma obra de ficção; a de criar ficções com uma complexidade relativa ao mundo real, e de acreditarmos que própria ficção pode ser tão ambígua como o real.

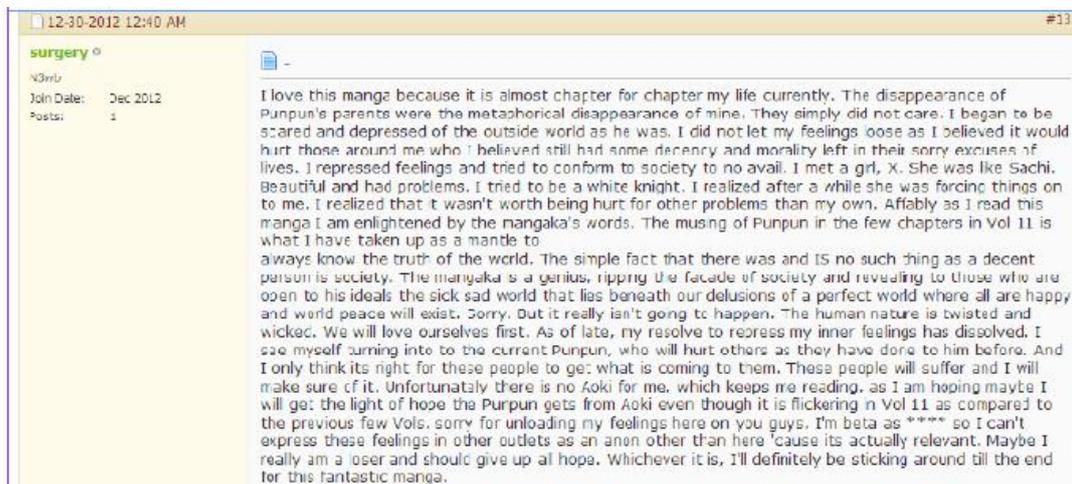
Se às vezes o leitor japonês se perde nos bosques ficcionais do mangá é porque ele se envolve em um jogo especular na sua interação com ele. O jogo especular é o

movimento desenvolvido pelo leitor em suas relação com as histórias, no qual se desdobra em inúmeros espelhamentos, encontrando e/ou produzindo reflexos que se traduzem em imagens de si, das coisas, do Outro e do mundo. São imagens que se constituem em uma rede de sentidos em que o sujeito se vê enredado, e portanto, passa ele próprio a se constituir nesse processo.

É preciso elucidar, no entanto, que o espelhamento é possível não apenas pelo fato do leitor encontrar na histórias do mangá sentidos comuns a sua vida ou pela própria história despertar desejos de como sua vida fosse, mas porque o leitor enquanto sujeito, é ele próprio dotado da capacidade crítica. Em suas considerações sobre o ato de ler, Paulo Freire (1921) diz que todo leitor leva sua experiência de mundo no momento da leitura. No ato de ler não só há reconhecimento, intelecção e comoção como há constituição. Em nenhuma leitura um leitor sai inerte em sua interação com a obra ou se fia inteiramente nas palavras destas, pois é dotado de uma postura crítica que o permite construir pensamentos em cima do que é dito e do que pode ser experienciado com e através da obra. Félix Guattari (1996), por exemplo, propunha que na relação com um objeto uma carga subjetiva se desprende deste e nos assedia, porque os desejos e as vontades imbuídos em tal objeto contaminam nossos processos de subjetivação – que podem tomar diferentes configurações e são mutantes. Nosso corpo, sede da experiência pelo qual sentimos, pensamos e agimos, não é inerte em sua relação afetiva com tais objetos: entrecruzamos as sensações, os perceptos em um redemoinho que as condensa acionando algo que no pensamento de Gilles Deleuze talvez se constituiria enquanto linhas diferentes. Linhas de pensamento, de sentimento, dentre outras, que se fazem presentes e estão sujeitas a variação.

Em fóruns de discussão do mangá há relatos que comprovam a existência do envolvimento especular entre leitor e mangá:

Figura 3 - Comentário retirado em 12 de abril de 2013 do fórum de discussão do mangá *Oyasumi Punpun* (Boa Noite Punpun) pertencente ao site MANGAFOX, postado em 30 de dezembro de 2012



Fonte: [http://forums.mangafox.me/threads/437126-Volume-11-Discussion-\(Spoilers!\)/page2](http://forums.mangafox.me/threads/437126-Volume-11-Discussion-(Spoilers!)/page2)

Tradução: *Eu amo esse mangá porque ele é quase um capítulo por capítulo da minha vida atualmente. O desaparecimento dos pais de Punpun, foi metaforicamente o desaparecimento dos meus. Eles simplesmente não se importavam. Eu comecei a me sentir com medo e deprimido com o mundo lá fora assim do jeito que ele estava. Eu não deixei meus sentimentos fluírem acreditando que isso machucaria aqueles a minha volta – que eu acreditava terem decência e moralidade nas suas desculpas esfarrapadas de vida. Eu reprimi meus sentimentos e tentei me conformar com uma sociedade sem propósito. Eu conheci uma garota X, ela era como a Sachi, bonita e tinha problemas. Eu tentei ser seu cavaleiro branco. Percebi depois de um tempo que ela estava forçando coisas em mim. Me dei conta que não valia a pena ser machucado por ou-tros problemas que não os meus. Afavelmente enquanto lia esse mangá fiquei encantado com as palavras do mangaká (artista de mangá). A reflexão de Punpun nos poucos capítulos no volume 11 é o que comecei a ver como mantra para sempre conhecer a verdade do mundo. O simples fato de que não havia e não há tal coisa como uma pessoa decente é a sociedade. O mangaká é um gênio arracando a máscara da sociedade e revelando aqueles que são abertos as suas idéias o mundo triste e doente que se oculta em nossas desilusões de mundo perfeito onde todos são felizes e onde a*

paz mundial existirá. Sinto muito, mas isso realmente não irá acontecer. A natureza humana está distorcida e amaldiçoada. Nós amaremos a nós mesmos primeiramente. Finalmente minha resolução de reprimir meus sentimentos íntimos se dissolveram. Eu vejo a mim mesmo se transformando no atual Punpun que irá machucar as pessoas assim como fizeram com ele antes. Eu simplesmente acho certo para essas pessoas terem o que merecem. Essas pessoas vão sofrer e eu vou garantir isso. Infelizmente não existe uma Aiko – o participante errou o nome da personagem que é o interesse romântico de Punpun ao chamá-la de “Aoki” – para mim o que me mantém lendo já que espero talvez receber a luz da esperança que ele recebe da Aiko mesmo que elas sejam intermitentes no volume 11, como comparado nos poucos volumes anteriores. Me desculpe por descarregar meus sentimentos aqui com vocês. Eu estou beta ... então não posso expressar meus sentimentos em outros lugares como um anônimo que aqui por isso é na verdade relevante. Talvez eu realmente seja um perdedor e talvez tenha que perder as esperanças. De qualquer maneira continuarei acompanhando até o final deste magnífico mangá (Tradução livre).

Oyasumi Punpun (“Boa noite Punpun”) é um mangá que conta a história de Punpun Onodera um jovem advindo de uma família problemática e que possui dificuldades de estabelecer laços sólidos com outras pessoas. Apesar de Punpun não apresentar em sua persona aspectos daquilo que os antropólogos e sociólogos – tanto os de origem japonesa quanto estrangeira – denominam como uma espécie de “consciência coletiva”³, ele se encaixa bem no cenário atual japonês – e no mundo também – onde a presença de sujeitos cada vez mais desconcertados surgem em um mundo que os transforma e é transformado por suas ações.

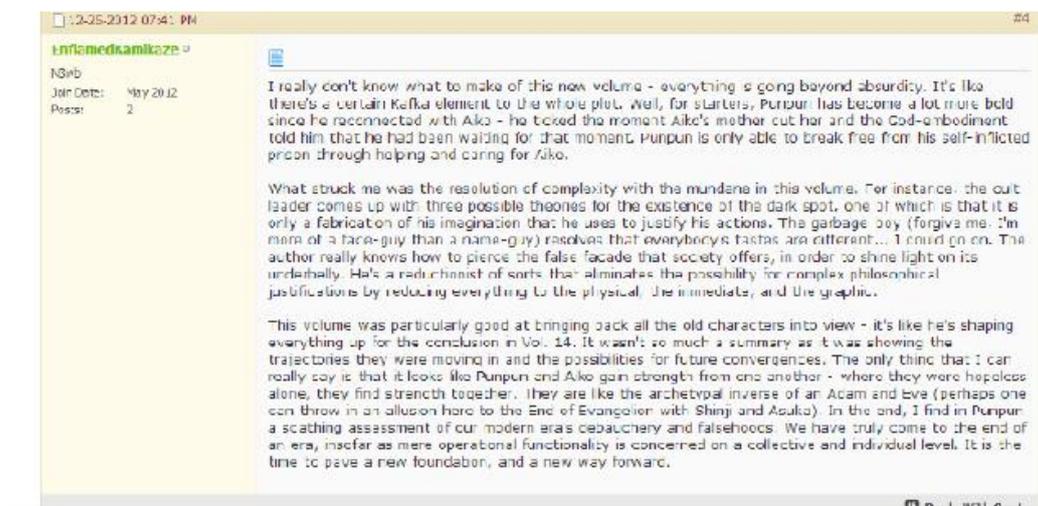
É interessante observar através do relato acima que o leitor se espelha no mangá através da mobilização e da articulação das memórias, das percepções e significações

³ Trata-se de uma conduta baseada em uma auto-modéstia na qual os japoneses colocam parte de seus interesses pessoais de lado para servir a sociedade através do labor em uma tentativa de convergir o todo ao uno, não que isso signifique que eles negam ou negligenciam suas demandas pessoais, pelo ao contrário, os japoneses acreditam que dessa forma o íntimo se torna mais nobre, seus traços especiais se tornam mais belos e ao mesmo tempo é capaz de promover o bem estar coletivo. Por isso a filosofia de que a existência de um sujeito depende daqueles que estão a sua volta, faz com que no Japão pertencer a um grupo é essencial para o bem estar de cada um, devendo o convívio dentro deste ser com o menor número de conflitos, se possível.

que opera não apenas sobre sua vida, mas sobre sua própria percepção do mundo em que vive. Brincando com o real *Oyasumi Punpun* foi capaz de comunicar de forma eficaz os problemas humanos e sócio-culturais de forma íntima ao leitor. Além de fazê-lo sentir, o fez pensar ou o forçou a pensar sobre sua condição.

Sob esse prisma a comunicação entre leitor e mangá, mediante nossas interpretações, se adequa de forma bem concisa há um forma específica de pensar a comunicação elaborada por *Ciro Marcondes (2010)*. Baseando-se em *Deleuze*, *Marcondes* diz que comunicar é um ato de certa violência em virtude da sua potencialidade de não se limitar ao que há de acomodado nos sujeitos, mas de mobilizá-los, incomodá-los, tirá-los da mesmice e lhes apresentar algo de novo. A partir disso, o autor propõe entender a comunicação: “como aquilo que tem a virtualidade de evocar em nós a necessidade de pensar sobre a coisa, pensar sobre o objeto, pensar sobre o drama envolvido em seu entredo” (*MARCONDES FILHO, 2010, p.10*). De fato, o jogo especular, surgido em meio a comunicação entre leitor e o mangá, oferece não apenas espaço para pensamentos sobre suas histórias, mas também para que o sujeito lance luz sobre si, sobre o outro e as circunstâncias do mundo em que vive:

Figura 4 - Comentário retirado em 12 de abril de 2013 do fórum de discussão do mangá *Oyasumi Punpun* (Boa Noite Punpun) pertencente ao site MANGAFOX, postado em 25 dezembro de 2012.



Fonte: [http://forums.mangafox.me/threads/437126-Volume-11-Discussion-\(Spoilers!\)](http://forums.mangafox.me/threads/437126-Volume-11-Discussion-(Spoilers!))

Tradução: *Eu realmente não sei do que é feito este novo volume – tudo vai além do absurdo. É como se houvesse um certo elemento Kafka em toda trama. Bem, para iniciantes, Punpun se tornou mais conciso desde de que se reconectou com Aiko – ele se unifica a partir do momento que a mãe da Aiko a esfaqueia e quando o Deus incorporado em Punpun o diz que havia esperado muito por aquele momento. Punpun só é capaz de se libertar da sua prisão auto-infligida ajudando e se importando com a Aiko. O que me afetou foi a resolução do mundano neste volume. Por um instante temos o líder do culto formulando três teorias sobre a existência do feixe escuro, uma é que ele é apenas uma fabricação da sua imaginação que ele se utiliza para justificar suas ações. O menino lixo (me perdoe, sou uma pessoa que se lembra mais de faces do que de nomes) resolve que os gostos de cada um são diferentes... eu poderia ir além. O autor realmente sabe atravessar a falsa ilusão que a sociedade oferece, em ordem de lançar luz abaixo do seu umbigo. Ele é uma espécie de reducionista que elimina a possibilidade de uma justificação filosófica ao reduzir tudo ao físico, ao imediato e ao gráfico. Esse volume foi particularmente bom em trazer de volta antigos personagens em cena – é como se ele estivesse preparando tudo para conclusão no volume 14. Não foi muito um resumo, estava mostrando as trajetórias que eles estavam tomando e as possíveis convergências para o futuro. A única coisa que posso realmente dizer é que parece que Punpun e Aiko ganham força um no outro – eles são incuráveis sozinhos, eles acham forças juntos. Eles são o arquétipo inverso de Adão e Eva (talvez alguém pode lançar alusão aqui ao final de Evangelion com Shinji e Asuka). No fim, eu encontro em Punpun uma estimativa crítica da depravação e mentiras da nossa era moderna. Nós realmente precisamos acabar com tal era, na medida em que uma mera funcionalidade operacional é baseada a um nível coletivo e individual. É tempo de preparar um novo fundamento e um novo caminho pela frente (Tradução livre).*

No comentário acima há um primeiro movimento em que o participante do fórum alinha a trama de *Oyasumi Punpun* ao trabalho literário de Kafka, autor que por sua vez, trabalha com temas ligados a conflitos existenciais humanos e a alienação – elementos que constantemente são mobilizados neste mangá. O leitor comprova sua comparação ao detalhar, com domínio, o que aprendeu dos sentidos comunicados pelo mangá que o fizeram mover sua memória até Kafka. Segundo, as próprias reflexões que o participante do fórum elaborou sobre o autor, que segundo ele, possui uma destreza

em revelar o caráter obscuro da sociedade, indica que a história do mangá não apenas conta uma história, mas traz perceptos e afetos ao leitor que corroboram para que este formule uma imagem própria a respeito do autor. Por fim relativo a este comentário cabe sobretudo ressaltar a reflexão que o leitor lança sobre a era em que vivemos seus problemas e dicotomias apontando uma perspectiva em que devemos nos preparar para uma mudança social.

Em suma, o mangá proporciona através de suas histórias diferentes encontros ao leitor: o encontro com a história, o encontro consigo, o encontro com o Outro e o encontro com o mundo. São encontros que se traduzem em atitudes de enfrentamento com os sentidos construídos pelo mangá que oferecem a possibilidade aos leitores de pensarem e promoverem interlocuções com o que conhecem da suas vidas e dos seus respectivos mundos.

É justamente por ser um povo que cultiva em todas as fases de sua vida a utilização de um senso de tato apurado e uma sociabilidade minuciosa que valoriza o controle das emoções pessoais como uma virtude a ser utilizada cotidianamente – e por haver uma presença hierárquica que define os limites de atuação e comunicação entre o sujeitos – que o mangá se torna um lugar adequado para o japonês dar vazão a pensamentos, sentimentos e questionamentos de ordem pessoal e sócio-cultural que em outros espaços não seriam possíveis.

Para lidar com o excesso da vida o japonês necessitou construir um foco que possibilitaria conter, impor limites a violência da natureza e dos seus próprios impulsos instintivos advindos de suas paixões. Desta forma, elaborou regras que permitissem um certo direcionamento, que proporcionasse uma conduta para viver no mundo. Mas, ao criar regras o japonês também criou privações – o que pode ser feito e o que não deve ser feito. A proibição, entretanto, realça aquilo que se quer proibir. É talvez por um desejo dos sujeitos japoneses pela transgressão, pelo questionamento e por ultrapassar os limites formulados pela força sócio-cultural nipônica, é que existe a possibilidade do mangá se tornar um espaço alternativo de comunicação para o japonês

Trata-se sobretudo de um espaço onde o japonês, que oscila entre pensamentos pré-concebidos de natureza sócio-culturais e suas projeções íntimas, traça em meio a ambos o que Gilles Deleuze chama de *linhas de fuga* em uma tentativa de “partir, evadir-se, traçar uma linha’ de fuga sem que isso signifique fugir da vida, mas ao invés

fazer a vida fugir, escapar às suas limitações impostas quer pelo eu, quer pelo estado presente do mundo” (DELEUZE, 1977 *apud* DIAS, 2007, p. 3). O mangá desta forma pode ser um lugar em que o japonês enquanto sujeito encontra uma forma de falar do seu mundo e de enfrentá-lo.

Conclusão

Podemos perceber que o mangá seja, em seu interior ou exterior, pode atuar como um lugar profícuo do ponto de vista comunicacional como espaço de acolhimento do japonês e do Japão, em que matérias distintas sobre ambos são trabalhados e comunicados em suas histórias. No entanto, não podemos conceber um poder demasiado ao mangá a partir do seu poder de afetação na sociedade japonesa, pois quaisquer que sejam o conjunto de significados construídos pelos discursos no mangá, eles necessitam recrutar seus leitores enquanto sujeitos – que são assujeitados, mas que simultaneamente tem a capacidade de se posicionar em relação aos discursos no mangá.

Outro pensamento valioso que podemos retirar a partir das considerações levantadas neste artigo tendo o mangá enquanto objeto de pesquisa, é que não devemos desmerecer determinados objetos baseados em seu pertencimento nas dicotomias entre cultura superior e cultura inferior, mas considerar suas propriedades e que tais objetos são dependentes das lutas, discussões e deliberações que os sujeitos elaboram – quer por uma tentativa de reconhecê-los ou de denegrí-los.

Não se trata de negligenciar a existência de forças determinantes de poder que produzem e se apropriam de tais objetos com determinados fins, mas reconhecer que as relações dos sujeitos com os objetos podem conferir a este último potenciais que ultrapassam as finalidades cogitadas na sua produção. Sobretudo é válido lembrar que podemos promover abstrações interessantes sobre os objetos, mas nunca podemos perder de vista as circunstâncias empíricas que fazem parte da trama sob o qual o objeto pesquisado faz parte. Da mesma forma, não devemos ficar fascinados pelo domínio do objeto na empiria é preciso olhar com desconfiança se queremos averiguar a existência de outras potencialidades – sejam elas positivas ou negativas – envolvidas em relação ao objeto.

Referências

- DIAS, Sousa. “Partir, evadir-se, traçar uma linha” Deleuze e a literatura. *Revista Educação PUCRS*, Porto Alegre-RS, 2007, 9p.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 158p.
- FRANÇA, Vera. **Crítica e metacrítica contribuição e responsabilidade das teorias da comunicação**. XXII Encontro Anual da Compós, Universidade Federal da Bahia, 2013, 17p.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23ª edição, Paulo Freire-São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989, p. 12-15.
- GUATTARI, Félix. ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petropolis: VOZES, 4ª edição, 1996, 133p.
- LUYTEN, Sonia Bibe. **Mangá: poder dos quadrinhos japoneses**. Editora Hedra, São Paulo-SP, 2001, 250p.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **O princípio da razão: o conceito de comunicação e a epistemologia metapórica: nova teoria da comunicação III: tomo V**. São Paulo, 2010, p. 10-11.
- MOSÉ, Viviane. **Nietzsche e a grande política da linguagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm, 1884 - 1900. **Obras incompletas./ Friedrich Nietzsche; seleção de textos de Gérard Lebrun**. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres filhos; posfácio de Antônio Cândido. 3º. ed., São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- PINTO, Júlio. **O ruído e outras inutilidades: ensaios de comunicação e semiótica**. Autêntica Editora, 1946, p. 7-10.